



P E N G U I N



C L Á S S I C O S

CHARLOTTE PERKINS GILMAN

O PAPEL DE PAREDE AMARELO
e A TERRA DELAS



CHARLOTTE PERKINS GILMAN nasceu a 3 de julho de 1860, em Hartford, Connecticut. Quando tinha nove anos, o pai abandonou-a, à mãe e ao irmão mais velho, deixando a família numa situação de grande precariedade. Contudo, ajudou a pagar os estudos da filha na Rhode Island School of Design, uma das sete escolas frequentadas por Charlotte ao longo de quatro anos. Findo este período, Charlotte, insatisfeita, dedicou-se a enriquecer a sua formação de forma autodidata. Na juventude, para se sustentar, vendeu sabonetes porta a porta e empregou-se como ilustradora e explicadora. Casou-se com Charles W. Stetson, em 1884, não obstante alguma relutância, e, no ano seguinte, nasceu Katharine, a única filha do casal. Pouco depois, Charlotte foi diagnosticada com histeria — na verdade, sofreu do que hoje se chamaria «depressão pós-parto» — e internada num sanatório. Em 1888, que revelou ser um ano de viragem e de recuperação, Charlotte mudou-se para Pasadena, na Califórnia, e separou-se do marido, deixando Katharine aos seus cuidados. Em 1890, escreve o conto *O Papel de Parede Amarelo*, dado ao prelo em 1892, que retratava o seu breve internamento, a «cura pelo repouso» a que foi submetida e a ineficácia desse método, que condenava as pacientes à solidão e à paranoia; após a sua publicação, Perkins Gilman recebeu correspondência de várias leitoras a relatar experiências semelhantes. Foi editora, esteve envolvida com associações feministas, chegando a ser fundadora da Woman's Peace Party, e em 1898, publicou *Women and Economics*, manifesto que conheceu grande sucesso e traduções em sete línguas. Voltou a casar em 1900, com Houghton Gilman, um primo afastado, e o casal viveu em Nova Iorque até 1922. Entre 1909 e 1916, Charlotte Perkins Gilman escreveu e editou a solo a revista feminista mensal *Forerunner*, onde publicou, em folhetim, *A Terra Delas*. Em 1934, perante o diagnóstico de um cancro incurável, Charlotte Perkins Gilman decidiu pôr termo à própria vida — uma derradeira afirmação de autonomia num percurso marcado pela liberdade e pela independência. Morreu a 17 de agosto de 1935.

MADALENA CARAMONA nasceu em 1982 em Castelo Branco. Vive e trabalha em Sintra. É licenciada em Línguas e Literatura Modernas pela Universidade Nova de Lisboa, com um *minor* em tradução, e pós-graduada

em Edição e Revisão de Texto pela Universidade Católica Portuguesa. Traduz, sobretudo, de e para inglês. Traduziu e reviu obras de Mark Twain, Elias Canetti, Eduardo Galeano, James Joyce, Silvina Ocampo, Max Aub, entre outros. Viveu quase uma década em Dublin, na República da Irlanda, onde geriu pessoas e projetos nas mais altas nuvens tecnológicas e se tornou dependente de chá. Regressou a Portugal em 2014 e fundou a Oficina Caixa Alta, onde faz e ajuda a fazer livros.

TÂNIA GANHO nasceu em 1973, em Coimbra. Dedicou-se à tradução literária há mais de vinte anos, tendo traduzido autores como Amor Towles, Annie Ernaux, Chimamanda Adichie, Elizabeth Strout, Hervé Le Tellier, Leïla Slimani, Maya Angelou, Siri Hustvedt, Toni Morrison e Yukio Mishima, entre muitos outros. É autora dos romances *A Mulher-Casa* (Porto Editora, 2012) e *Apneia* (Casa das Letras, 2020), e do livro de memórias *O Meu Pai Voava* (Dom Quixote, 2024).

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	
O poder da escrita	vii
O Papel de Parede Amarelo	1
A Terra Delas	25
CAPÍTULO 1	
Uma expedição quase banal	27
CAPÍTULO 2	
Avanços irrefletidos	43
CAPÍTULO 3	
Um encarceramento peculiar	57
CAPÍTULO 4	
A nossa aventura	73
CAPÍTULO 5	
Uma história singular	89
CAPÍTULO 6	
As comparações são odiosas	105
CAPÍTULO 7	
A nossa crescente modéstia	119

CAPÍTULO 8	
As raparigas da Terra Delas	135
CAPÍTULO 9	
As nossas relações e as delas	151
CAPÍTULO 10	
As religiões delas e os nossos casamentos	169
CAPÍTULO 11	
As nossas dificuldades	185
CAPÍTULO 12	
Expulsos	201
NOTAS DE TRADUÇÃO	219

INTRODUÇÃO

O Poder da Escrita

É impossível contemplarmos as figuras fantasmiais dos autorretratos de Francesca Woodman sem nos lembrarmos do conto assombroso *O Papel de Parede Amarelo*, de Charlotte Perkins Gilman. Na década de 1970, a obra de Gilman foi redescoberta graças à reedição de *O Papel*, em 1973, pela The Feminist Press, e de *A Terra Delas*, em 1979, pela Pantheon Books, e são precisamente do final dos anos setenta as inquietantes fotografias de Francesca Woodman em que o seu corpo se funde e confunde com o papel de parede de uma casa abandonada (*Space²*) e a sua forma angelical desfocada paira num quarto vazio de janelas gradeadas (*Angel Series*). A mulher que se aninha contra uma parede com o seu vestido às pintas/manchas (*Polka Dots*) ou que gatinha, nua, rente a um espelho (*Self-Deceit #1*) podia ser a protagonista de Gilman.

Gilman e Woodman estudaram ambas na Rhode Island School of Design, com um intervalo de quase cem anos, e é como se a obra da escritora oitocentista encontrasse eco na fotografia de Woodman. Segundo Valerie Pflaumer em «Haunted Houses, Haunted Selves», Francesca Woodman identificava-se com as heroínas do período vitoriano e não é coincidência que *Jane Eyre* (1847), de Charlotte Brontë, e *Vasto Mar de Sargaços* (1966), de Jean Rhys, fossem os seus romances preferidos. Gilman e Woodman sugam-nos para o universo opressivo e repressivo em

que as mulheres ditas bruxas ou loucas — como a personagem Bertha Mason de Brontë desdobrada na Antoinette Cosway de Rhys — eram trancadas no sótão da casa e submetidas à autoridade masculina.

Impossível também não pensarmos nas doentes histéricas do Dr. Charcot, que, no final do século XIX, as tratava e exibia semanalmente no hospital parisiense La Salpêtrière, ou em mulheres como Camille Claudel, artista genial enclausurada durante trinta anos num hospício por ordem do irmão, o escritor Paul Claudel. São dilacerantes, as cartas que enviou a Paul, suplicando-lhe que a libertasse, porque não suportava os gritos e comportamentos insanos das mulheres com quem era obrigada a conviver. Charlotte Perkins Gilman encarnou, ela própria, uma dessas loucas fechadas num sanatório, no seu caso devido a sintomas que sabemos hoje serem os de uma depressão pós-parto.

Mas quem foi a autora de *O Papel de Parede Amarelo*?

Charlotte Perkins Gilman nasceu em 1860, em Hartford, no Connecticut, filha de uma professora e de um escritor/bibliotecário. Só tinha um irmão mais velho, porque um médico avisou a mãe, Mary Perkins, de que podia morrer se tivesse mais filhos. Servindo-se disso como pretexto, o pai, Frederic Beecher Perkins, abandonou a família, deixando Mary e as duas crianças à mercê da generosidade de familiares, como as suas tias, a abolicionista Harriet Beecher Stowe (autora de *A Cabana do Pai Tomás*) e a sufragista Isabella Beecher Hooker. Charlotte frequentou diferentes escolas e, ao todo, teve apenas quatro anos de educação formal. Para se instruir, visitava a biblioteca municipal e assim aprofundou, sozinha, uma série de temas. O pai, embora ausente, enviou-lhe uma lista de livros que ela devia ler e ajudou-a a pagar os estudos na Rhode Island School of Design. Depressa Charlotte começou a trabalhar como explicadora e ilustradora para se sustentar.

Na faculdade, conheceu Martha Luther e, na sua autobiografia, *The Living of Charlotte Perkins Gilman* (1935), escreve: «Era amor, mas não sexo. [...] Com a Martha, conheci a felicidade

perfeita.» Mantiveram a sua relação até que Martha decidiu terminá-la, em 1881, porque se ia casar. Charlotte tinha vinte e um anos quando conheceu Charles Walter Stetson, um artista de Rhode Island, que a pediu em casamento ao fim de apenas duas semanas e meia. Receando que a vida conjugal a impedisse de trabalhar, que era o seu objetivo supremo na vida, Gilman recusou a proposta. «Por muito que te ame», confessou-lhe numa carta, «amo o trabalho ainda mais e não consigo que os dois sejam compatíveis.» Stetson era um homem persistente e, volvidos quase dois anos de reiterados pedidos de casamento, Gilman acabou por lhe ceder. Casaram-se em 1884 e, um ano depois, nasceu Katharine Beecher Stetson.

Charlotte mergulhou numa depressão profunda. Corria o ano de 1887 e, como sublinha Elaine Showalter em *Hystories*, a carreira do Dr. Charcot atingia o auge e a de Freud estava em ascensão, reinava o conceito de «histeria». «Na literatura médica do final do século XIX», salienta Rebecca Shannonhouse em *Out of Her Mind*, «facilmente encontramos referências a procedimentos ginecológicos, tais como remoção dos ovários e inclusive a cauterização do clítoris, a que os médicos submetiam as suas doentes histéricas.» É que se julgava que a origem da histeria era o útero, *hyster* em grego, e que só as mulheres padeciam dessa maleita que as deixava exaustas, nervosas, descontroladas. Charlotte Perkins foi vista por um conceituado neurologista de Filadélfia, o Dr. Silas Weir Mitchell (médico de Edith Wharton), que lhe apresentou o diagnóstico de histeria e lhe prescreveu uma «cura pelo repouso». Internada num sanatório durante nove semanas, Charlotte foi sujeita a isolamento, repouso absoluto e uma dieta de engorda. Em casos extremos, o Dr. Weir Mitchell não permitia que as doentes se levantassem sequer da cama para tomar banho: a inatividade tinha de ser total. Quando lhe deu alta, o médico recomendou: «Leve uma vida o mais doméstica possível. Tenha a sua filha consigo o tempo todo. [...] Deite-se uma hora depois de cada refeição. Reduza a vida intelectual a duas horas por dia.

E nunca toque numa caneta, pincel ou lápis enquanto viver.» O estímulo intelectual era considerado responsável pela maioria dos problemas de saúde femininos, pois «desviava para o cérebro o sangue destinado ao aparelho genital».

Gilman tentou seguir os conselhos de Mitchell durante uns meses, mas o seu estado piorou e ela começou a mostrar tendências suicidas, a falar de pistolas e clorofórmio. Na sua autobiografia, escreve: «Infelicidade total [...]. Entre as sugestões de um cérebro em sofrimento, destacava-se o pensamento: “A culpa é tua! Tinhas saúde e força, esperança e um trabalho magnífico pela frente e deitaste tudo a perder. [...] Não serves como esposa, não serves como mãe, não serves para nada. E a culpa é tua! [...] Eu abraçava a bebé e, em vez de amor e felicidade, só sentia dor.»

Em 1887 e 1888, Charlotte passou os verões com a filha em Rhode Island, longe do marido, na companhia de uma amiga, a escritora e poeta Grace Channing, com quem acabou por viajar no outono de 1888 para Pasadena, na Califórnia. A melhoria no seu estado de saúde foi notória. «Usando os resquícios de inteligência que me restavam», conta na sua autobiografia, «deitei fora o conselho do conceituado especialista e retomei o trabalho [...] acabando por recuperar um certo grau de poder.» À «cura pelo repouso» de Mitchell (ou à «cura pela fala» de Freud), Gilman contrapôs a «cura pela escrita» e lançou-se numa prolífica carreira.

Em 1888, decidiu separar-se do marido: «Não foi uma escolha entre ir e ficar, mas entre manter a sanidade e enlouquecer.» Charlotte e Stetson acabaram por se divorciar, feito raro no final do século XIX, e, em 1894, Stetson casou-se com Grace Channing. Charlotte confiou-lhes a guarda da filha e escreveu a Grace: «Creio que sofro mais por abdicar de ti do que do Walter.» Para Charlotte, «o primeiro dever de uma mãe é ser uma mãe digna desse nome». Na época, foi muito criticada pela sociedade e rotulada de «mãe desnaturada», pelo que passou o resto da carreira a justificar a sua decisão e a fazer a apologia da maternidade, como vemos, por exemplo, em *A Terra Delas*.

No ano em que deixou o marido, Charlotte conheceu Adeline Knapp, «Delle», e a sua biógrafa, Cynthia J. Davis, descreve que as duas mulheres tiveram uma relação séria: Gilman «acreditava ter encontrado em Delle uma maneira de conciliar o amor e a vida», mas a relação acabaria. Em Pasadena, Gilman envolveu-se com organizações feministas e progressistas, como a Pacific Coast Women's Press Association e a Woman's Alliance; os seus primeiros textos datam da década de 1890 e incluem histórias de fantasmas, contos humorísticos e ficção autobiográfica. É neste contexto de reivindicação da sua liberdade, autonomia e direito a uma carreira intelectual que Charlotte Perkins escreve *O Papel de Parede Amarelo*, publicado em 1892 na revista *New England*. Considerado um conto de terror ao estilo de Edgar Allan Poe, *O Papel* foi duramente criticado por um médico de Boston no jornal *The Transcript*. «Uma história daquelas não devia ter sido escrita, disse; era o suficiente para enlouquecer uma pessoa só por a ler», conta Gilman em «Porque escrevi *O Papel de Parede Amarelo*». A autora fez questão de enviar o texto ao Dr. Weir Mitchell e congratulou-se quando, anos depois, lhe chegou aos ouvidos que o médico teria «alterado o seu tratamento para a neurastenia» e que o livro salvara «uma mulher de um destino semelhante: aterrorizou tanto a sua família, que a deixaram voltar à atividade normal e ela recuperou».

Semiautobiográfico, *O Papel de Parede Amarelo* remete-nos desde as primeiras linhas para a literatura gótica, descrevendo-nos como cenário «uma mansão colonial, uma herdade de alguma família nobre», que até podia ser «uma casa assombrada», uma «daquelas propriedades inglesas que surgem descritas nos livros», com um jardim «enorme e sombrio» cheio de caramanchões, muros, sebes e cancelas. A casa infunde um sentimento de estranheza na narradora, que se apresenta à partida subjugada pelo diagnóstico e vontade do marido e do irmão, ambos médicos. John, o marido, garante-lhe «que o problema dela não passa de uma depressão nervosa passageira — uma ligeira tendência

histórica» e prescreve-lhe repouso absoluto num quarto no cimo da casa, que inicialmente parece grande e arejado, mas depressa se transforma numa prisão asfixiante, pautada por um horrendo papel de parede amarelo, de uma cor «repelente», «sulfurosa e doentia». Charlotte Perkins Gilman estudara *design* e pintura, o papel de parede estava em voga na época, e não é inocente a sua escolha deste padrão caótico com «curvas túbias» que se «suicidam de forma abrupta» em «ângulos ultrajosos» e que, aos poucos, começa a ser antropomorfizado. Segundo Pflaumer, a «pareidolia, a tendência da mente humana para discernir uma estrutura facial onde ela não existe, era considerada um sinal de doença mental pelos médicos da época».

O quarto, que a princípio se diria ter sido destinado às crianças da casa, começa a adquirir «todas as marcas de uma cela para o isolamento solitário de um louco varrido», como salienta Elaine Showalter em *The Female Malady*: «as janelas têm grades, há argolas na parede, o papel de parede está rasgado, o chão arranhado, o gesso esburacado, a cama está pregada ao chão e os postes da cama foram roídos». Contemplando obsessivamente as paredes, a narradora começa a descobrir «coisas neste papel de parede que só eu sei, e nunca ninguém há de saber». Sob a vigilância supostamente bem-intencionada e carinhosa de John (que nos faz lembrar o marido manipulador do filme *Meia-Luz*, de 1944 e de onde nos vem o conceito de *gaslighting*), a narradora enlouquece diante dos nossos olhos e desdobra-se no vulto de uma mulher que, também ela aprisionada atrás de grades, emerge aos poucos do papel de parede. Eis o tema do *doppelgänger*, caro à literatura gótica, que Sandra M. Gilbert e Susan Gubar consideram, na sua obra *The Madwoman in the Attic*, representar «o duplo da autora, uma imagem da sua própria ansiedade e raiva. [...] grande parte da poesia e ficção escritas por mulheres invoca esta criatura louca para que as autoras possam lidar com os seus próprios sentimentos singularmente femininos de fragmentação, a sua própria noção intensa das discrepâncias entre o que são e o que devem ser».

Como conclui José Mário Silva, num artigo publicado no jornal *Expresso*, «o que se oculta nas entranhas» de *O Papel de Parede Amarelo* «é a fúria gloriosa de uma mulher ávida de liberdade, emanando a força brutal de um símbolo de rebeldia».

O papel das mulheres na esfera doméstica e na sociedade era uma preocupação de Charlotte Perkins e, em 1898, a autora lança um manifesto intitulado *Women and Economics*, que foi traduzido para sete línguas e lhe granjeou o reconhecimento internacional. Nele, afirma que «o estatuto secundário da mulher na sociedade não resulta de inferioridade biológica, antes de um comportamento culturalmente imposto», e que a única maneira de as mulheres desenvolverem o seu potencial como seres humanos era conquistando a autonomia financeira. A autora considerava que os papéis tipicamente atribuídos a homens e mulheres eram artificiais: «Não existe uma “mente feminina”. O cérebro não é um órgão dotado de sexo, da mesma maneira que não existe um “fígado feminino”.» Defendia reformas sociais, tais como a reinvenção do espaço da casa, que passaria a ter uma cozinha central partilhada por várias famílias de um mesmo prédio ou bairro, para que as mulheres não fossem escravas das tarefas domésticas, e a reestruturação dos cuidados infantis com base numa prática de «maternidade social», em que as crianças seriam educadas por profissionais especializadas, tal qual propõe em *A Terra Delas*. Como escreve em *The Home: Its Work and Influence* (1903), «a mulher é restringida pela casa e o homem é restringido pela mulher» e «a libertação total das mulheres era a condição *sine qua non* da libertação total da humanidade». Infelizmente, segundo Anna Notaro em «Space and Domesticity», as suas ideias de reforma arquitetural nunca chegaram a ser executadas, apesar de uma sua discípula, Henrietta Rodman, ter tentado construir um modelo de apartamento feminista com o apoio do arquiteto Max G. Heidelberg.

Em 1900, Gilman casou-se em segundas núpcias com um primo que não via há mais de uma década, Houghton Gilman,

advogado em Wall Street, e viveram em Nova Iorque até 1922. De 1909 a 1916, Gilman escreveu, editou e publicou sozinha uma revista feminista mensal intitulada *Forerunner*, composta por textos que «estimulassem o pensamento», «suscitassem esperança, coragem e impaciência», distintos da imprensa comum que era sensacionalista. Nesses sete anos, Gilman lançou oitenta e seis números da revista e contava com mil e quinhentos assinantes. Foi nas suas páginas que publicou, em folhetim, a obra *A Terra Delas* (1915), uma utopia feminista (e, ao mesmo tempo, uma sátira) sobre uma sociedade matriarcal assexuada constituída exclusivamente por mulheres evocativas das míticas amazonas, que se reproduzem por partenogénese, como algumas espécies de insetos.

Através do olhar de três personagens masculinas, colegas de escola que partem juntos numa expedição ao território isolado e desconhecido — um sociólogo, um mulherengo e um romântico —, Gilman apresenta-nos uma mátria idealizada, onde os três homens e as mulheres são tratados de maneira igual, como seres humanos, e não como criaturas dotadas de características intelectuais distintas. As mulheres não são objetos sexuais que se adornam para cativar e seduzir os homens, são pessoas capazes de construir uma sociedade, cidades, estradas, edifícios, com a mesma competência que os homens. Ao longo dos doze capítulos de *A Terra Delas*, a autora denuncia a dupla bitola que rege a sociedade do início do século xx e critica os papéis redutores que são atribuídos a cada sexo, desfazendo preconceitos e denunciando práticas discriminatórias, como a utilização do conceito de «virgem» só em relação às mulheres e a imposição do apelido masculino à mulher que se casa. Na Terra Delas, as mulheres vivem e trabalham juntas, unidas por verdadeiros laços de amizade e entreajuda: «elas não tinham guerras. Não tinham reis, nem padres, nem aristocracia. Eram irmãs. Quando cresciam, cresciam juntas: o progresso não era uma competição, mas sim uma ação conjunta.».

Esta maneira de estar na vida surpreende um dos três homens, Terry, o machista de serviço: «Acham possível que uma data de

mulheres se unisse desta forma? Toda a gente sabe que as mulheres não se conseguem organizar... sempre se esgadam umas às outras... a inveja é que as obriga.» Para Terry, as mulheres dividiam-se em dois grupos: «as que desejava e as que não desejava. Desejável ou indesejável era a classificação que lhes atribuía. [...] E agora ei-las, aos magotes, claramente alheias ao que ele pudesse pensar». Com o tempo, Van, o narrador sociólogo, conclui: «os tais “encantos femininos” de que tanto gostamos não são femininos de todo, mas sim um mero reflexo da masculinidade: foram criados para nos agradarem porque elas tinham de nos agradar, não são de modo algum necessários para a vida delas».

Em *A Terra Delas*, Charlotte Perkins Gilman faz a apologia da maternidade, que se traduz inclusive na prática do vegetarianismo: «Era a Terra-Mãe que criava os rebentos. Tudo o que comiam era fruto da maternidade, quer fossem sementes, bagos ou o seu resultado. Era a maternidade que lhes permitia nascer e também lhes permitia viver: a vida, para elas, era apenas um longo ciclo de maternidade.» Em *The Female Malady*, Showalter relembra que «na literatura escrita por mulheres no final do período vitoriano, o feminismo, a castidade e o vegetarianismo aparecem muitas vezes juntos como valores interligados; em utopias feministas como *A Terra Delas*, as heroínas virgens abstêm-se de comer carne vermelha».

Ao fim de mais de um ano a viver entre estas mulheres míticas, o narrador conclui, perplexo: «Em vez de histerismo, encontrámos padrões elevados de saúde e vigor, e um temperamento moderado. [...] Sabíamos perfeitamente que, para mulheres com tamanha visão e tal mundividência coletiva, uma vida cingida à esfera privada seria inconcebível.» E remata: «Estávamos agora habituados a ver as mulheres como pessoas, e não como fêmeas.»

Em 1934, confrontada com o diagnóstico de um cancro da mama inoperável, Charlotte Perkins Gilman decidiu pôr fim à vida. «Tal como as mulheres de *A Terra Delas*, que consideravam a imortalidade pessoal “uma ideia palerma”», escreve Denise D. Knight,

«Gilman não tinha medo nenhum de morrer, nem interesse nenhum na vida depois da morte.» «A vida humana consiste em serviço mútuo», declara Gilman, na sua autobiografia, iniciada uma década antes. «Quando se perde toda a utilidade no mundo, quando a morte é inevitável e iminente, um dos direitos humanos mais básicos é o direito de escolher uma morte rápida e fácil ao invés de uma morte lenta e terrível.» No dia 17 de agosto de 1935, Gilman escolheu uma *overdose* de clorofórmio à lenta agonia do cancro, uma decisão norteada pela racionalidade e pela noção de serviço à sociedade.

A 19 de janeiro de 1981, a jovem Francesca Woodman, acosada por uma depressão profunda, suicidou-se, atirando-se da janela de um prédio em Manhattan. Tal como Gilman, deixou uma obra extensa: pelo menos dez mil negativos e oitocentas fotografias impressas. «Se as mulheres contemporâneas conseguem hoje lançar-se na escrita [e na arte, em geral] com energia e autoridade», dizem-nos Sandra M. Gilbert e Susan Gubar, em *The Madwoman in the Attic*, «é porque as suas antecessoras dos séculos XVIII e XIX se debateram num isolamento semelhante a doença, numa alienação semelhante a loucura, numa obscuridade semelhante a paralisia, para superar a ansiedade da autoria que era endémica à sua subcultura literária.»

Para podermos perpetuar esta linhagem de mulheres que escrevem e pugnam pela liberdade, mulheres artistas que questionam a sociedade e que, com a sua obra, arrasam estereótipos e injustiças, temos de recordar as loucas, as histéricas, as bruxas, e homenagear nomes como Charlotte Perkins Gilman, Camille Claudel e Francesca Woodman, que, a duras penas, abriram o caminho que hoje trilhamos.

Tânia Ganho

O Papel de Parede Amarelo

É muito raro que meras pessoas comuns, como eu e o John, consigam passar o verão em casas senhoriais.

Uma mansão colonial, uma herdade de alguma família nobre, ou até uma casa assombrada. Não vislumbro maior felicidade romântica... mas isso seria confiar demasiado no destino!

Ainda assim, é com grande alegria que confirmo haver algo estranho aqui.

Não vejo outro motivo para a renda ser tão baixa, nem para a casa ter estado fechada tanto tempo. O John ri-se de mim, naturalmente, mas sabe-se que assim é num casamento.

O John é um homem extremamente prático. Não tem paciência para nada relacionado com a fé, reage com profundo horror à superstição, e troça abertamente de tudo o que não se possa sentir, observar ou apresentar em forma de dígitos.

O John é médico, e *talvez* — (é óbvio que eu nunca diria isto a ninguém, mas a boca desta folha é um túmulo e poder escrevê-lo traz-me um grande alívio) —, *talvez* seja também por isso que não melhora mais depressa.

Ele não acredita que eu esteja doente, sabem? E que posso eu fazer?

Se um médico muito conceituado, que além do mais é o marido da própria, garante a amigos e familiares que o problema dela não passa de uma depressão nervosa passageira — uma ligeira tendência histérica —, o que se pode fazer?

O meu irmão também é médico, igualmente reputado, e diz a mesma coisa.

Tomo, portanto, os fosfatos ou os fosfitos (ou lá como é), e bebo os tónicos, dou passeios, apanho ar fresco, faço exercício, e estou terminantemente proibida de voltar a «trabalhar» até ficar bem.

Pessoalmente, discordo da opinião deles.

Pessoalmente, acredito que um trabalho apazível, com um certo grau de entusiasmo e mudança, me faria bem.

Mas que posso eu fazer?

Ainda escrevi durante algum tempo, apesar do que eles me disseram; é *certo* que me cansa muito — ter de o fazer às escondidas ou então enfrentar uma oposição cerrada.

Às vezes ponho-me a pensar. Na minha condição, se tivesse menos oposição e mais companhia e mais estímulos... mas o John diz que o pior que posso fazer é pensar sobre a minha condição, e confesso que me sinto mal sempre que o faço.

Assim sendo, vou mudar de assunto e falar sobre a casa.

Que lugar maravilhoso! É bastante isolada, fica longe da estrada e quase a cinco quilómetros da aldeia. Lembra-me aquelas propriedades inglesas que surgem descritas nos livros, porque tem sebes e muros de pedra e cancelas que se trancam, e várias casinhas separadas destinadas aos jardineiros e aos criados.

Tem um jardim *delicioso*! Nunca vi um jardim assim — enorme e sombrio, repleto de longos carreiros ladeados de buxo onde vão despontando amplos caramanchões de videiras sob os quais há bancos onde nos podemos sentar.

Também teve estufas, mas estão todas destruídas.

É possível que tenha havido um problema legal, alguma questão relacionada com diferentes herdeiros. Seja como for, o local esteve vazio durante muitos anos.

Receio que este facto destrua a minha efabulação fantasmagórica, mas não me importo. Há algo estranho nesta casa... consigo senti-lo.

Cheguei a dizer isso ao John numa noite de luar. No entanto, ele disse que o meu pressentimento era uma *corrente de ar*, e fechou de imediato a janela.

A Terra Delas

CAPÍTULO I

Uma expedição quase banal

Escrevo isto de memória, infelizmente. Se eu tivesse conseguido trazer o material que preparei com tanto cuidado, esta história seria muito diferente. Livros inteiros com apontamentos, registros copiados com afincos, descrições na primeira pessoa, e ainda as fotografias... a perda que mais lamento. Tínhamos vistas panorâmicas das cidades e dos parques. Vistas magníficas das ruas e dos edifícios, por dentro e por fora, de muitos dos formidáveis jardins e, o mais importante, imagens das próprias mulheres.

Nunca ninguém acreditará no aspeto delas. Quando se trata de mulheres, as descrições de pouco ou nada valem... Além de que eu nunca tive jeito para descrições. Mas isto é imperativo: o resto do mundo precisa de saber que aquele país existe.

Não disse onde fica por receio de que alguns missionários, comerciantes ou expansionistas ávidos de terra se decidam a avançar. Não serão desejados, isso lhes garanto, e terão pior sorte do que nós, se porventura o encontrarem.

A história começou assim. Éramos três parceiros de escola e amigos: Terry O. Nicholson (chamávamos-lhe Pobre Terry, e tínhamos boas razões para tal), Jeff Margrave e eu, Vandyck Jennings. Conhecíamos-nos há vários anos, e apesar das nossas diferenças, tínhamos muito em comum. Partilhávamos o interesse pela ciência. O Terry era suficientemente rico para fazer o que lhe apetecesse. Tinha na exploração o seu maior propósito.

Costumava queixar-se aos sete ventos de que já não havia nada para explorar. Só lhe restava remendar e preencher, dizia. Preencher era algo que fazia bem (tinha muitos talentos) e distinguia-se em mecânica e eletricidade. Tinha todo o tipo de barcos e carros a motor, e era um dos nossos mais notáveis aviadores.

Sem o Terry, nunca teríamos conseguido fazer isto.

O Jeff Margrave nasceu para ser poeta, botânico (ou as duas coisas em simultâneo), mas os pais convenceram-no a ser médico. Era um bom médico, para a idade que tinha, mas o seu verdadeiro interesse era o que gostava de chamar «as maravilhas da ciência».

Quanto a mim, formei-me em Sociologia. Isto requer o estudo de muitas outras ciências, claro. Interesse-me por todas.

O Terry era especialista em factos: geografia e meteorologia e assim. O Jeff batia-o sempre em biologia, e eu não me importava com os pormenores dessas discussões, desde que tivessem alguma ligação à vida humana. Há poucas coisas que a não tenham.

Gozámos os três da oportunidade de integrar uma grande expedição científica. Precisavam de um médico, e essa foi a desculpa por que o Jeff esperava para abandonar o consultório que acabara de abrir. Necessitavam da experiência, da maquinaria e do dinheiro do Terry. Quanto a mim, consegui entrar por influência dele.

A expedição desbravaria uma região entrecortada por milhares de afluentes, a vastíssima zona circundante de um enorme rio, onde havia que desenhar mapas, estudar dialetos selvagens e encontrar todo o tipo inaudito de fauna e flora.

Mas esta história não é sobre essa expedição. A expedição foi só o ponto de partida para a nossa.

Ao início, foi uma conversa entre os nossos guias que me despertou o interesse. Tenho aptidão para línguas, domino vários idiomas e aprendo depressa os que não conheço. Graças a isso e a um excelente intérprete que levámos connosco, consegui aprender bastantes mitos e lendas populares daquelas tribos dispersas.

E, conforme nos íamos afastando mais e mais, seguindo sempre o percurso do rio a montante, num denso emaranhado de

curtos de água, lagos, pântanos e florestas cerradas, interrompido pelo ocasional vislumbre do caudal principal que descia desde o topo das montanhas na lonjura, percebi que a história acerca de uma estranha, terrível e distante Terra Delas se tornava cada vez mais comum entre os selvagens.

«Lá além», «lá longe», «lá em cima» era a única informação que eram capazes de dar, mas as lendas coincidiam no ponto principal: havia um país estranho onde não viviam homens, só mulheres e crianças do sexo feminino.

Nenhum deles o vira. Era perigoso. Fatal, diziam, para um homem ir lá. Mas havia histórias com anos e anos que diziam que um intrépido investigador o vira: um país grande, casas grandes, muita gente... só mulheres.

Mais ninguém lá tinha ido? Sim... e não foi só um... mas nunca ninguém regressou. Não era sítio para homens, disso não tinham dúvida.

Contei estas histórias aos rapazes e eles riram-se. É claro que também me ri. Eu sabia de que eram feitos os devaneios dos selvagens.

Mas quando chegámos ao ponto mais remoto, já na véspera de termos de dar meia-volta e regressar a casa, já que aquela expedição, como qualquer outra, teria de terminar, nós os três fizemos uma descoberta.

O acampamento principal tinha sido montado numa península arenosa junto ao caudal principal, ou aquilo que julgávamos ser o caudal principal. Tinha a mesma cor lamacenta a que estávamos habituados havia já várias semanas, o mesmo sabor.

Falei por acaso sobre esse rio com o nosso último guia, um tipo bastante competente, de olhar veloz e brilhante.

Disse-me que havia outro rio «logo ali, rio pequeno, água doce, vermelha e azul».

Com o interesse desperto e ansioso por garantir que tinha percebido bem, mostrei-lhe um lápis vermelho e azul que tinha comigo e perguntei outra vez.

«Pessoalmente, acredito que um trabalho apazível, com um certo grau de entusiasmo e mudança, me faria bem. Mas que posso eu fazer?»

Em 1890, recuperada da depressão pós-parto que a assolou após o nascimento da filha, Charlotte Perkins Gilman traduz essa experiência em *O Papel de Parede Amarelo*. Afastada da sociedade, uma mulher com pleno domínio das suas faculdades mentais – apesar do que as pessoas à sua volta e um desconcertante papel de parede pareciam sugerir – sucumbe gradualmente à loucura.

Em *A Terra Delas*, utopia publicada mais de vinte anos depois, três homens encontram uma comunidade isolada, composta apenas por mulheres. A constatação da ordem, da paz e da entreatada reinantes força-os a questionar o que tinham como certo sobre o sexo oposto.

Denunciando a castradora condição social das mulheres no século XIX ou explorando e subvertendo os papéis de género, a voz assertiva e independente de Charlotte Perkins Gilman afirma-se como uma das mais importantes e originais na literatura norte-americana.

P E N G U I N



C L Á S S I C O S

Tradução de Madalena Caramona




Introdução de Tânia Ganho



Yellow Tree
(1900-01)
(óleo, tempera e
pastel sobre tela).
Odilon Redon

© Bridgeman Images

 penguinlivros.pt

   [penguinlivros](https://www.penguinlivros.com)



Penguin
Random House
Grupo Editorial

ISBN 9789897875502



9 789897 875502 >